**ORAÇÃO CENTRANTE**

Dom Basil Pennington

**. Introdução**

**I – Está além de nós, e ainda assim é nosso.**

Nesse primeiro capítulo, o monge Pennington apresenta-nos duas passagens bíblicas, sobre as quais discorre suas reflexões.

A primeira está no segundo capítulo da Primeira Epístola de São Paulo aos Coríntios, referente à sabedoria de Deus, misteriosa e oculta, destinada de antemão para nossa glória, revelada pelo Espírito Santo àqueles que O aceitam.

O autor parte dessa premissa para mostrar que a oração centrante leva-nos para além dos sentidos e da razão, mais especificamente ao centro de nosso ser, onde podemos encontrar o maravilhoso trabalho de Deus, recriando-nos continuamente de forma divinamente amorosa e tornando-nos filhas e filhos, ao derramar o seu Santo Espírito. Dessa forma, lembra-nos o inspirado monge que a relação de Deus para conosco ultrapassa as palavras. Assim, onde somos essencialmente verdade, somos também essencialmente oração. Lembra-nos, então, que tal mistério, aparentemente oculto, passa a ser a nós revelado, “*o grande desígnio de uma Providência eterna, amorosa*”.

Por tal razão, nada mais do que uma loucura seria a oração apresentada pelo autor, caso não fosse trilhada pelo caminho da fé e pela poderosa ação do Espírito Santo. Tal processo, ao levarmo-nos às profundezas de nosso ser, possibilita irmos além de nossa própria limitada profundidade, permitindo-nos chegar “*até mesmo as profundidades de Deus*”, buscando, assim, resposta nas palavras de Paulo aos Coríntios:

10A nós, porém, Deus o revelou pelo Espírito. Pois o Espírito sonda todas as coisas, até mesmo as profundidades de Deus. 11Quem, pois, dentre os homens conhece o que é do homem, senão o espírito do homem que nele está? Da mesma forma, o que está em Deus, ninguém o conhece senão o Espírito de Deus. 12Quanto a nós, não recebemos o espírito do mundo, mas o Espírito que vem de Deus, a fim de que conheçamos os dons da graça de Deus. (1 Cor 2,10-12)

Assim sendo, o autor nos sugere que, ao entrarmos em contato com as premissas apresentadas pelo seu livro sobre a oração centrante, voltemo-nos para o Espírito Santo que em nós habita, sendo, por Ele, também ***nosso Espírito***, a nós presenteado pelo Altíssimo.

Por tal razão, não se deve limitar a oração centrante somente a um método, a uma técnica orante, pois não visa a nos presentear por alguns minutos do dia apenas, mas sim a “*abrir caminho para viver sempre a partir do centro, a partir da plenitude do que somos*”, sendo para tal propósito a razão verdadeira de nosso chamado.

A segunda passagem bíblica que tanto mobiliza o monge Pennington no processo orante em questão encontra-se no terceiro capítulo do Livro da Revelação (Apocalipse), na qual, João se reporta a uma das sete Igrejas, mais especificamente a Igreja de Laudicéia. Na referida passagem, segundo o monge, é-nos trazida uma amedrontadora afirmativa divina (do “*Príncipe da criação de Deus*”): “*Conheço tua conduta: não és frio nem quente. Oxalá fosses frio ou quente!*” (Ap 3,15). Além do medo que nos dá essa real e crua exposição, ela também nos leva a uma triste constatação: estamos longe de ardermos no fogo do amor divino, muito distantes de termos uma fé verdadeiramente quente. Quantas recaídas... quantas racionalizações... quanta vaidade... quanto apego!! Diante de tanta ilusão e limitação, exorta-nos o senhor por meio das Escrituras: “*Pois dizes: sou rico, enriqueci-me e de nada mais preciso. Não sabes, porém, que és tu o infeliz: miserável, pobre, cego e nu!*” (Ap 3,17). E, além de descortinar nossa pequenez, destaca: “*Quanto a mim, repreendo e educo todos aqueles que amo. Recobra, pois, o fervor e converte-te!*” (Ap 3,19)

Mesmo assim, com a dura admoestação trazida pelo autor, lembra-nos, alimentando a esperança do crente, o que, nos versos seguintes, nos é apresentado: “*Eis que estou à porta e bato: se alguém ouvir minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa e cearei com ele, e ele comigo.*” (Ap 3,20). Traz-nos à mente, monge Pennington, a incessante procura pelo Senhor para entrar em nossa vida, dando-nos sempre, porém, a liberdade plena de escolha, a qual jamais será violada. Assim, o que precisamos fazer, apesar de nossas limitações, é escolhermos a possibilidade de nos abrirmos para que Deus entre em nossa vida, independente de nossa trajetória anterior.

Dessa forma, destaca o autor, que a oração centrante é uma “*forma simples de abrir a porta – de escancará-la – para deixa-lo entrar*”, para que tenhamos a íntima relação com Deus, simbolizada no texto bíblico como a ceia em sua companhia, “*dividir uma refeição*” com o Senhor, em uma calorosa e humana expressão de intimidade. Aponta, então, o autor, como sendo a mensagem principal da passagem apocalíptica por ele destacada, a nossa criação com o destino de sermos íntimos amigos de Deus, afirmando que “*Todos são chamados para a intimidade da união contemplativa com Deus*”, não havendo qualquer tipo de escolha ou exclusão. Eis a razão da oração centrante: o nosso aceite ao convite à intimidade com o Filho de Deus e tomarmos posse de nossa verdadeira unicidade com Ele.

Por tal razão, o monge Pennington chama a atenção para o chamado que está muito além de nós, mas, mesmo assim, já é nosso. E finaliza este capítulo com a seguinte afirmação: “*Tudo de que precisamos é apropriarmo-nos disto e desfrutá-lo. Este é o ‘trabalho’ da oração centrante*”.